



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE JORNALISMO

ISABELLA MARIA CAVALCANTE PADILHA

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO
DOCUMENTÁRIO: “*EN AVANT*”

Maceió
2020

ISABELLA MARIA CAVALCANTE PADILHA

**RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO
DOCUMENTÁRIO: “EN AVANT”**

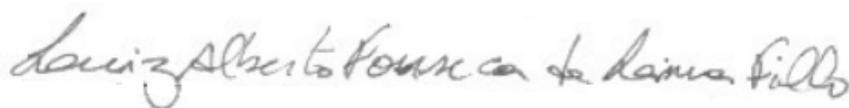
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) entregue como requisito parcial para conclusão do curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), sob a orientação do Prof.º Me. Luiz Alberto Fonseca.

Maceió
2020

ISABELLA MARIA CAVALCANTE PADILHA

**RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO
DOCUMENTÁRIO: “EN AVANT”**

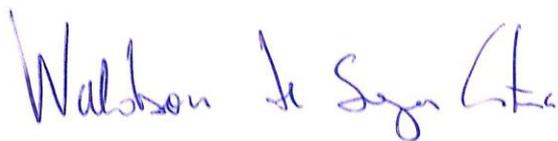
Relatório Técnico submetido ao corpo docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas.



Prof.º Me. Luiz Alberto Fonseca – UFAL

Orientador

Banca Examinadora:



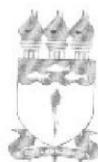
Prof. Me. Waldson de Souza Costa – UFAL

Examinador interno



Prof.ª Dr.ª Raquel do Monte – UFAL

Examinador interno



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 05 dias do mês de junho do ano de 2020, das 14h30m às 15h30m, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado EN AVANT de autoria da graduanda Isabella Maria Cavalcante Padilha, matrícula 15210161, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social - habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por Raquel do Monte (1º examinador), por Waldson de Souza Costa (2º examinador) e por Luiz Alberto Fonseca de Lima Filho (orientador). Após exposição oral sintetizando o TCC, a graduanda foi arguida pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

- Aprovado, atribuindo-lhe a nota 30,0
 Reprovado
 Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos

Luiz Alberto Fonseca de Lima Filho
(orientador)

Raquel do Monte
(1º examinador)

Waldson de Souza Costa
(2º examinador)

Às bailarinas e mulheres que me ajudaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por me ensinar a ser resiliente e forte. Agradeço principalmente às minhas mães: Ana, Eliluce e Marli, por todo o apoio durante a minha graduação e em toda a minha vida. Às minhas irmãs, minhas companheiras de jornada. Espero sempre ser um exemplo para vocês.

Ao Lucas Peixoto, meu amor, por segurar a minha mão em todos os momentos, por me incentivar a ser quem sou. Obrigada por tanto.

Agradeço aos meus amigos e professores da Universidade Federal de Alagoas, que me ensinaram o que é a vida acadêmica e tornaram os quatro anos da graduação mais leves. Em especial, aos companheiros Bruno Presado, Jade Katlen e Mácio Amaral, que me acolheram, me deram conselhos e dividiram comigo as angústias e alegrias de se tornar jornalista.

Ao meu orientador, Luiz Alberto Fonseca, pelo carinho, pela atenção e por me guiar no caminho árduo do jornalismo. Também agradeço aos queridos Yasmin Pontual, Guilherme Lins e Waldson Costa, membro dessa banca, que me ensinaram que jornalismo de verdade se faz com dedicação, ouvindo sempre todos os lados da história.

Ao Esron Reis, por me dar todo o suporte técnico necessário para a realização desse trabalho. A Dênia Cruz, pelos conselhos na produção do documentário.

As personagens desse trabalho, em especial Luciana Dâmaso e Carol Lancelotti, que me inspiram todos os dias a continuar dançando e em frente, *en avant*.

Gratidão, Isabella Padilha.

Olhe ao redor; tudo está crescendo, tudo está se movendo para a frente. Portanto, eu recomendo: mantenha-se em contato com a vida e com a arte.

Agrippina Vaganova

RESUMO

O videodocumentário denominado “*En avant*” registra os depoimentos de mulheres adultas que decidiram ingressar no balé clássico. A modalidade da dança passa a ideia de que apenas os corpos magros e longilíneos dos bailarinos profissionais podem praticar o balé, e isso acaba afastando os adultos da dança. Regido pela voz e depoimentos das personagens, o filme traz entrevistas com bailarinas que começaram a prática já mais velhas, além de uma professora, que dá aula só para esse público. Proposto para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, o documentário mostra às mulheres adultas que a prática do balé pode ser realizada seguindo os métodos tradicionais da dança clássica.

Palavras-chave: Documentário; Balé; Balé Adulto; Dança.

ABSTRACT

The video documentary “*En avant*” records the testimonies of adult women who decided to enter classical ballet. The dance modality conveys the idea that only the slim and long bodies of professional dancers can practice ballet, and this ends up taking adults away from dance. Guided by the voices and testimonies of the characters, the film features interviews with dancers who began to practice at an older age, in addition to a teacher, who teaches this audience only. Proposed for the Journalism Course Conclusion Work (TCC) at the Federal University of Alagoas, the documentary shows adult women that the practice of ballet can be performed following the traditional methods of classical dance.

Keywords: Documentary; Ballet; Adult Ballet; Dance.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	14
2.1	Objetivo geral	14
2.2	Objetivos específicos	14
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
4	PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO	17
4.1	Entrevistados.....	20
4.2	Cronograma de produção	20
4.3	Ficha técnica	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS	23
	APÊNDICES	24
	APÊNDICE A – Transcrição literal do documentário “ <i>En Avant</i> ”	24
	APÊNDICE B – Glossário de termos do balé clássico.....	33

1 INTRODUÇÃO

O videodocumentário “*En avant*” traz depoimentos de mulheres que se apaixonaram pela arte do balé clássico depois de adultas. A prática do balé é significativamente feita por crianças nos anos iniciais de desenvolvimento e por pessoas já praticantes que passaram anos se dedicando à prática. Por esse motivo, a imagem da dança clássica sempre foi permeada por corpos jovens e magros, que se movem com delicadeza e agilidade. Os adultos, já com seus corpos formados e com suas vidas corridas, muitas vezes têm receio em começar ou voltar a dançar.

O balé é uma arte secular, uma modalidade da dança que é permeada por amores “românticos” e histórias idílicas, que "surgiu e foi encenado com a finalidade não só de entreter a corte, mas para mostrar a essa mesma corte e aos países estrangeiros a força da realeza e o poder econômico da França" (CAMINADA, p.105). Desde o seu surgimento, é notável que a prática da dança clássica possui padrões e paradigmas. O treinamento de uma bailarina começa tradicionalmente por volta dos 5 anos de idade, quando o corpo da criança ainda está em desenvolvimento, e segue até a idade adulta. A prática do balé clássico é cheia de detalhes, as posições e movimentos básicos da dança exigem um enorme esforço corporal e mental, e as pessoas que passam a vida toda dançando acabam sendo magras, flexíveis e possuem corpos longilíneos.

Por causa da dedicação exigida, o balé se torna uma paixão na vida de muitas pessoas. Ao misturar o esporte e o esforço físico e mental com a beleza e a leveza da arte, essa modalidade de dança encanta muita gente.

O tema desse trabalho surgiu a partir da minha experiência pessoal com o balé clássico. Aos 9 anos de idade comecei a ter aulas e a dançar em uma academia em Maceió. Por motivos pessoais, precisei abandonar a dança depois de 5 anos de dedicação. Deixar o balé não foi fácil e sempre quis retornar. Tentei fazer isso aos 18 anos de idade, mas as academias de dança não estavam preparadas para dar aulas a alunos mais velhos, e queriam que eu retornasse no mesmo nível das crianças de 13 anos, o que não era confortável. Acabei desistindo. Depois de alguns anos, descobri a modalidade do Balé Adulto, onde existiam turmas montadas especificamente para mulheres adultas, que faziam parte do mesmo grupo

que eu (estavam retornando depois de mais velhas), ou que nunca fizeram balé antes e queriam conhecer a modalidade.

Na fase inicial de produção, esse trabalho era uma série de reportagens sobre a dança. A série teria quatro vídeo reportagens, todas sobre temas diferentes envolvendo o balé clássico e gravados em academias diferentes na cidade. Diante da pandemia do coronavírus¹, todas as escolas fecharam. Uma dessas reportagens, que já estava praticamente pronta, era sobre o balé adulto. Decidi abraçar esse tema, que me toca de forma muito pessoal, e transformá-lo em um documentário.

As personagens que constroem a narrativa foram escolhidas por suas histórias e pela experiência com a dança. Todas são mulheres porque ao falar do Balé para Adultos é difícil encontrar um personagem homem. Até nos níveis mais avançados e nas aulas para crianças nas academias é difícil encontrar meninos. Na minha última escola, em todos os níveis, haviam apenas 6 alunos do gênero masculino. Decidi abraçar isso e utilizar apenas depoimentos de mulheres.

Luciana Dâmaso é professora e proprietária da primeira escola de balé adulto em Maceió. Ela já deu aula da dança para adultos em Portugal e na Suíça, e sempre procurou se especializar nesse público. Carol Lancelotti é bailarina adulta há 11 anos, e tem um blog nas redes sociais onde inspira cada vez mais mulheres a se apaixonarem pelo balé. Flávia Canuto, Luci Mônica e Raquel Ferreira são bailarinas e possuem histórias diferentes, cada uma possui uma profissão, mas todas voltaram ou começaram a dançar depois de adultas. Por último, a psicóloga Rayanne Amorim a quem procurei para falar sobre os benefícios do esporte alinhado à arte, principalmente para o público adulto.

O filme conta essas histórias e traz os depoimentos dessas mulheres que se apaixonaram pela dança e quebraram os padrões do balé clássico por amor.

O título “*En avant*” vem de uma posição do balé. O termo em francês significa a frente, para a frente, e é citado em uma fala de uma das personagens. Ao relacionar essa

¹ A covid-19, doença causada pelo novo coronavírus surgiu em Wuhan, na China. O primeiro caso documentado foi no dia 31 de dezembro de 2019. Desde essa data, os casos começaram a se espalhar pelo mundo. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu o surto da doença como pandemia. Em Alagoas, o primeiro caso surgiu em março, e o no 20 do mesmo mês, o Governo do Estado decretou que escolas, restaurantes e academias deveriam fechar para evitar o contágio da doença.

expressão ao balé adulto, quis passar a ideia de que a vida continua, para a frente, e é necessário se manter em contato com a arte.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Produzir um documentário sobre o balé adulto, apresentando personagens que mudaram suas rotinas e vidas para dançar. Abordar, assim, as suas divergentes características: o lado negativo, seja pela insegurança e pela dedicação que a prática exige; assim como, a parte positiva: realizar o sonho de voltar ou começar a dançar, e os benefícios que o exercício traz.

2.2 Objetivos específicos

- Pesquisar conteúdos e bibliografias pertinentes ao tema;
- Fazer um produto jornalístico que sirva como registro histórico, informativo;
- Roteirizar o que vai ser necessário no processo de execução do documentário;
- Apresentar depoimentos das bailarinas, mostrando como o balé transformou a vida delas.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As teorias de comunicação ensinadas durante o curso de jornalismo preparam os alunos para contar histórias e passar informações para um público. Por meio da escrita, rádio, televisão, cinema e outros vários formatos, essas histórias podem ser registradas e transformadas em memória coletiva. Neste trabalho, os depoimentos e imagens foram reunidos no formato de videodocumentário, utilizando técnicas de *storytelling*.

O storytelling, em uma acepção mais recente, corresponde a uma técnica narrativa que consiste basicamente em apropriar-se de discursos e ações para transformá-los em relatos. Uma vez aplicado ao jornalismo, esse termo de origem anglófona – que designa a prática sociocultural de contar histórias – refere-se à situação na qual o jornalista é o contador (teller) e o fato selecionado (story) é aquilo que será narrado” (SOUZA, 2018, p. 8)

Para Lucena (2006) o documentário é “a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captados por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador – ou seja, nem tudo é verdade no documentário -, envolvendo informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes determinantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção” (LUCENA, 2012, p. 9).

Nesse caso, o documentário jornalístico e de representação social – ou seja, de não ficção -, onde se encaixa este trabalho, traz a visão pessoal do autor, sem comprometer a veracidade dos fatos. O recorte jornalístico deste videodocumentário traz, por meio de falas biográficas e imagens que complementam a narrativa, representação social e conceitos culturais, contando a história de mulheres que se envolveram com o balé adulto.

A narrativa do filme foi pensada de forma que os personagens contassem sua própria história, sem a interferência de um narrador externo. Os diálogos foram encaixados para se misturarem, e os personagens se transformaram no foco da narrativa, representando uma visão singular do próprio mundo e trazendo opiniões sobre seus cotidianos e suas histórias.

O caráter autoral do documentário não depõe contra sua credibilidade. Afirmar que o documentário é marcado pela subjetividade do diretor não significa dizer que ele seja por natureza monofônico, isto é, que dê vez e voz a apenas um lado da história, omitindo outros. Não é isso o que acontece na maioria dos documentários. Geralmente, o documentarista busca ouvir a opinião de várias pessoas sobre determinado acontecimento ou personalidade, seja para confirmar uma tese (caso, por exemplo, dos documentários biográficos), seja para confrontar opiniões (caso

dos documentários sobre conflitos urbanos, sociais, raciais, religiosos etc). No entanto, apesar de apresentar um emaranhado de vozes, que muitas vezes se opõem e se contradizem, uma voz tende a predominar: aquela que traz em si o ponto de vista do autor. (MELO et al. 2001, p. 6)

Nichols (2005) ressalta que “os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social. O fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria. Eles são uma representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo. A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer” (NICHOLS, 2005, p. 73)

A construção do presente trabalho foi feita em três etapas: a pesquisa bibliográfica, onde identifiquei as possíveis fontes e personagens que formariam a história. Essa primeira etapa me ajudou a definir o que seria o produto.

A produção da pauta, presente na maioria das atividades jornalísticas, e as gravações presenciais, onde conheci e me conectei com cada uma das personagens, o que ajudou no processo de uni-los em uma narrativa.

E, por fim, a pós-produção e a pesquisa documental. Nessa etapa, costurei cada uma das histórias. A finalização do roteiro e a definição de quem teria mais tempo de tela me ajudaram a passar a história dessas mulheres criando realismo e representação do real. Todas essas experiências foram decisivas para a construção deste relatório final.

Agora, o documentário fica como registro histórico e inspiração, para trazer quem assiste o filme para dentro da mesma realidade.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

Na fase de pré-projeto este trabalho era uma série de vídeo-reportagens para veiculação em televisão. Seriam quatro reportagens, com estimativa de 5 minutos cada. As primeiras duas reportagens trariam uma introdução do que é o balé, contando a história de duas ONGs, criadas por bailarinas, que fornecem aulas de balé para crianças carentes em Alagoas. Em sequência, as outras reportagens contariam histórias de vida e da paixão pela dança de bailarinas adultas. Cada um deles seria gravado em uma escola diferente.

Depois da definição do tema e das pautas, um roteiro foi definido. Antes das entrevistas presenciais, conversei com as personagens por telefone. A segunda etapa foi gravar as entrevistas e pegar imagens de apoio, o que acabou sendo feito em dias diferentes.

Imagem 1 – Entrevista com Flávia Canuto, bailarina adulta e professora



Fonte: Luciana Dâmaso (2020).

Durante a gravação, porém, o cenário da pandemia do novo coronavírus chegou em Alagoas, e todas as escolas foram fechadas por causa da quarentena. Estava com material apenas para duas reportagens: uma das ONGs e o balé adulto, tinha 13 entrevistas com bailarinas, professoras e mães. Diante da mudança total na programação, meu orientador sugeriu que transformasse o material em um documentário, na modalidade curta-metragem.

No início, fiquei meio perdida. Tinha planejado todo o material no formato de VTs, no formato tradicional do telejornalismo, com um pouco da poesia trazida pelo balé clássico. Já tinha OFF e passagens gravadas. Tentei montar o documentário e inserir esses elementos, mas não funcionou. Preferi o filme contado pelas próprias personagens, sem um narrador.

Na terceira etapa do processo, decupei todo o material gravado; a montagem do roteiro e a definição do novo tema aconteceram nessa etapa. Depois de analisar todas as entrevistas, defini que o tema do curta seria o que mais me tocava pessoalmente: o Balé Adulto. A ideia de transformar histórias tão parecidas com a minha no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) me trouxe um sentimento de realização.

Com o tema definido fui para a quarta etapa: organização e seleção das entrevistas; seleção da trilha sonora; montagem e finalização do filme, já com transcrição completa do documentário (APÊNDICE A).

Imagem 2 – Montagem do documentário na ilha de edição



Fonte: Autora (2020).

Para fazer um filme sobre balé clássico a escolha da trilha sonora pesou muito. Três músicas vieram logo à minha cabeça, peças que foram escritas para espetáculos de balé e até hoje são dançadas no mundo inteiro. As obras escolhidas foram: “Manon, *pas de deux*”, Ato 1, cena 2” de Jules Massenet; “The Nutcracker, *pas de deux*”, de Tchaikovsky; e “Swan Theme”, também de Tchaikovsky. Todas as músicas – junto às suas respectivas coreografias, são clássicas no balé, e tem uma ligação pessoal muito forte.

Na ilha de edição, alguns elementos foram inseridos graficamente no filme, como a abertura com o nome do documentário (Imagem 3) e os créditos dos entrevistados.

Imagem 3 – Abertura do documentário “*En avant*”



Fonte: Autor (2020).

Duas das entrevistas que compõem o documentário foram feitas por chamadas de vídeo, por meio da plataforma Zoom. As sonoras com Carol Lancelotti e com Rayanne Amorim foram realizadas dessa forma por motivos diferentes: Carol, porque mora no Rio de Janeiro; Rayanne, porque o depoimento foi feito durante o período de isolamento social devido ao coronavírus. Por causa da conexão com a internet aconteceram algumas

² *Pas de deux* é um termo do balé clássico que significa “Passo de dois”. É um dueto entre dois dançarinos onde eles executam a coreografia em conjunto.

interferências e foi preciso fazer um ajuste no nível do som, mas, de modo geral, as entrevistas ficaram com uma boa qualidade.

A produção de todo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi realizado com recursos próprios e equipamentos emprestados. A câmera, o tripé e os *softwares* para a produção e edição foram emprestados pelo amigo Esron Reis, que deu todo o suporte técnico necessário para a gravação das entrevistas e das imagens de apoio, além da pós produção do documentário.

Para captação das imagens foi utilizada uma câmera Sony AVCam 3D 6001 com tripé. O microfone de lapela ajudou na captação das sonoras. Para a edição de imagens foi utilizado o programa Final Cut Pro 10.

Ao fim dessas etapas a revisão final foi feita pelo professor-orientador Luiz Alberto Fonseca.

4.1 Entrevistados

Ao todo, foram colhidas quatorze entrevistas de bailarinas e professoras de balé. Mas durante a edição, diante da mudança de tema e de formato, seis depoimentos foram incluídos no filme.

- Carol Lancelotti, bailarina e comunicadora;
- Flávia Canuto, bailarina e professora;
- Luciana Dâmaso, professora de balé;
- Luci Mônica, bailarina e delegada;
- Raquel Ferreira, bailarina e estudante;
- Rayanne Amorim, psicóloga. (CRP: 15/5465)

4.2 Cronograma de produção

ATIVIDADES						
	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAIO	JUN
1 - Pesquisa bibliográfica	X	X				

2 - Coleta de dados	X	X				
3 – Apuração de dados		X	X			
4 - Produção do produto			X	X		
5 – Revisão do produto			X		X	
6 – Entrega de trabalho					X	
7 – Defesa do tcc						X

4.3 Ficha técnica

Nome do filme: *En Avant*

Gênero: Documentário

Tempo: 22:52:08

Idioma: Português

Ano de lançamento: 2020

Direção, captação e roteiro: Isabella Padilha

Orientação: Luiz Alberto Fonseca

Trilha sonora:

- “Manon, *pas de deux*”, Ato 1, cena 2 - Jules Massenet;
- “The Nutcracker, *pas de deux*” - Tchaikovsky;
- “Swan Theme’ - Tchaikovsky.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O balé adulto, por meio dos movimentos e da delicadeza da dança, proporciona para mulheres adultas aumento da autoestima e confiança para o dia-a-dia, além de trazer um sentimento de realização para uma parte dessas dançarinas, já que o balé já foi considerado uma atividade exclusiva para algumas idades e corpos.

Depois de decidir, em conjunto com o orientador Prof.º Me. Luiz Alberto Fonseca, transformar a ideia inicial da série de vídeo reportagens em um documentário, o projeto começou de fato a tomar forma. As personagens foram escolhidas diante da minha identificação com a história de cada uma delas.

O documentário procura trazer, focando nas bailarinas adultas, a realidade plural da dança, enaltecendo a singularidade de cada uma das personagens. Atualmente, o cenário do balé clássico tem se transformado. Cada vez mais dançarinos chamam a atenção para preconceitos de gênero, raça, classe, corpo e cada vez mais pessoas são incluídas na modalidade de dança clássica que sempre foi tão elitista.

Tudo que foi colocado em prática é resultado do aprendizado adquirido ao longo da graduação em jornalismo na Universidade Federal de Alagoas, além dos estágios em redações de TV e na minha vivência como bailarina. Contar histórias, afinal, é parte de mim.

A elaboração deste projeto me permitiu entender o processo de produção, execução e edição de um documentário e, assim, compreender todo o processo de criação – da concepção à pós-produção.

REFERÊNCIAS

CAMINADA, E. **História da dança: evolução cultural**. Rio de Janeiro: Sprint; 1999.

CARVALHO, Alexandre et al. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

MOURA, Katia Cristina Figueredo de. **Essas bailarinas fantásticas e seus corpos maravilhosos: existe um corpo ideal para a dança?**. 2001. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253649>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2020.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação - INTERCOM, 2001. Campo Grande. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>> Acesso em: 28 de abril de 2020

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

REZENDE, Guilherme. **Telejornalismo no Brasil**. São Paulo: Summus, 2000.

SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem. Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo. Ed. Summus, 1986.

SOUZA, Tito Eugênio Santos. **O “Retorno” da Narrativa e a Emergência do Storytelling como Técnica Jornalística**. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - INTERCOM, 2018. Juazeiro, BA. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0491-1.pdf>> Acesso em: 27 de abril de 2020

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição literal do documentário “*En Avant*”

Imagem + música [Swan Theme – Tchaikovsky]

Background (Carol Lancelotti): “A arte salva, a dança salva, muitas vezes o balé era uma das poucas coisas é, em momentos difíceis da minha vida que me sustentavam assim, emocionalmente.”

Título do documentário: *EN AVANT*

um filme de Isabella Padilha

No background (Carol Lancelotti): “O balé adulto tem muito essa questão, não só o balé adulto o balé no geral, tem a questão de você estar se olhando no espelho o tempo todo, então se você não gostar do que você está vendo você dificilmente vai continuar, porque é uma jornada muito dura sabe, emocionalmente.

sonora com CAROL LANCELOTTI, bailarina e comunicadora

“meu nome é Carol Lancelotti, eu tenho 32 anos. Sou carioca, sou bailarina adulta, comecei o balé com 21 anos, então já faz mais de 10 anos que eu faço balé e eu sou diretora criativa, fotógrafa e comunicadora. Então, acabei levando o balé para esse meu mundo também. eu sempre gostei muito de dançar, eu venho de uma família muito artística, comunicativa, musical e até pra fazer exercício físico eu preferia que fosse dança do que esporte, mas não tinha essa coisa de balé adulto ou começar o balé mais tarde. A primeira vez que eu realmente comecei numa aula de dança foi jazz e depois foi hip hop, porque o balé mesmo eu sendo pré-adolescente ou adolescente no caso de quando eu fazia hip hop, não tinha espaço para você entrar com aquela idade, eram raras as escolas que deixavam você entrar no balé com aquela idade. Então, ficou assim, eu deixei de lado isso e fui fazendo outras danças. Até que quando eu tava com 21 anos eu vi uma reportagem com a atriz Aline Moraes, falando que ela tinha entrado para o balé adulto. Eu achei aquilo super interessante né, não sabia que aquilo existia, daí a importância da disseminação disso tudo, e eu também assisti o filme “O curioso caso de Benjamin Button”, que tem uma bailarina. Então tudo casou assim né, eu comecei a ver aquelas coisas e o balé adulto começou, não necessariamente o balé adulto, o balé em si,

porque no Benjamin Button o personagem é uma bailarina profissional. Mas o balé começou a aparecer em todos os cantos né, pipocar em todos os cantos para mim, mostrando que era a hora e que agora dava. E eu sempre tive um fascínio né, eu sempre achei lindo, mas não tinha espaço para eu começar, então finalmente veio essa oportunidade, veio esse espaço. Eu acho que foi o primeiro boom assim do balé adulto, pelo menos no Brasil, foi mais ou menos nessa época de 2008/2009, e foi quando eu comecei. E foi amor à primeira aula assim”

sonora com LUCIANA DÂMASO, professora de balé

“É um problema muito grande quando a gente tem um público adulto. A gente lida com modelos já pré existentes quando a gente pensa em um bailarino a gente pensa em um bailarino Russo, magro, grande, longilíneo, pernas altíssimas, um corpo pronto pra aquilo ali e a gente tem aqui um balé que não tem como se encaixar nesse corpo porque até a pelve é diferente, é mais estreita, articulação é mais lateralizada, elas tem facilidade de en de hors, a gente tem bumbum, a gente tem uma cultura que fala que é legal ter um bumbum empinado e isso vai atrapalhar na minha rotação do joelho pra fora que é uma das exigências da técnica. A diferença é total entre adultos, crianças e adolescentes é gritante o negócio enquanto na criança e no adolescente a gente tem um cognitivo ainda em formação, e aprendem muito rápido né? Vou puxar para a fisiologia, as sinapses acontecem muito mais rapidamente, às conexões acontecem mais rapidamente, elas pegam a informação mais rápido né? E o corpo ainda está se moldando pra isso, então eu tenho naturalmente uma flexibilidade maior né? Eu tenho uma disposição diferente, porque eu tenho uma rotina que não me atrapalha, eu não tenho um dia inteiro de trabalho pra depois ir fazer aula de balé quando a gente chega no público adulto o negócio meio que se inverte, eu tenho um corpo que já tem lá suas dificuldades pela própria idade de maturação, mas eu tenho um cognitivo que chegou em um ponto que eu também capto essa informação de forma mais clara, pode não ser mais rápida, mas ela é mais clara então a chave da diferença né? A chave do aluno mais novo pra aquele mais maduro é a comunicação né? O método muda a partir daí, que que acontece quando eu dou aula pra criança eu preciso criar todo um contexto para que ela entenda, perceba e capte o que eu tô passando pra ela então eu vou pro lúdico, então eu vou pra fantasia pra que ela entenda e chegue no ponto que ela precisa chegar dependendo do objetivo daquela aula. No adulto não no adulto é direto, a informação é direta, ela tem aguçada outras formas outros canais de captação de movimento, o ouvido já ouve melhor já interpreta melhor por conta de uma vivência. uma pessoa que tem 30 anos, 25 anos, 50, 65 como eu tenho aqui ela não vai nunca se encaixar em uma escola tradicional do balé clássico”

VOLTA CAROL LANCELOTTI

“As escolas de dança, principalmente as escolas menores e escolas de bairro como a gente gosta de chamar, elas, muitas vezes, no início principalmente, elas não estavam preparadas para o balé adulto. E elas nem entendiam muito bem, porque que aquela pessoa estava querendo fazer um balé adulto. Eu cheguei a ser suge... é me sugeriram né, me sugeriram para fazer jazz por exemplo, “ah você não quer fazer um jazz, é mais animado?” Eu falava não, eu não quero uma coisa animada, eu quero balé clássico, eu tô aqui procurando um balé clássico sabe. E eu acho que demorou um pouco para as escolas aprenderem isso, que realmente existia um interesse genuíno pela dança clássica de adultos.”

VOLTA LUCIANA DÂMASO

“Uma coisa que eu costumo a fazer com elas é um método que eu bebi de diversas fontes pra chegar a profissional que eu sou hoje, eu eliminei essa coisa da reprodução que é muito típico no balé clássico o professor faz e o aluno repete, então a gente tem que pensar principalmente no balé adulto onde a pessoa já chega com uma bagagem né? de movimento de que o que a gente vai fazer aqui é só nortear, é conduzir uma informação que ela já tem. Então quando vocês chegam pra mim vocês já chegam sabendo dobrar um joelho, esticar um joelho, esticar um pezinho dobrar um pezinho né? A gente vai mudar essa nomenclatura realmente dar nome aos bois, vai ser flex, pointe, flex né? Vou utilizar da técnica necessária vou explicar o que é um demi plié é uma meia flexão, tô tratando do joelho, ele pode ser feito dessa forma, dessa forma é uma informação que o adulto já traz pra mim. Então eu deixo de ser professor, essa coisa de ser professor, me incomoda um pouco...eu sou facilitador, eu sou um condutor eu vou organizar aquilo ali que já vem pra mim pronto, né? Então o balé adulto que é praticado no plano B é um balé que vem construindo a cada aula, o aluno constrói seu movimento a cada aula. A gente tem depoimentos maravilhosos autoestima, para além da disposição, flexibilidade, força muscular, né? de todas as capacidades que com treino viram habilidades físicas como equilíbrio, agilidade, enfim. A gente tem o gostar de si o se olhar com mais gentileza e isso muda o mundo porque a gente muda o mundo a partir do nosso então a relação com os filhos fica diferente, com o marido fica diferente e aos pouquinhos o entorno vai mudando que você tá se tornando diferente não por uma postura física somente mas essa postura física é reflexo de uma coisa que vem lá de dentro, da postura daqui que começa daqui (cabeça), então naturalmente eu fico mais ativa e essa altivez não é só física né? eu começo a enfrentar a vida de forma diferente.”

SONORA FLÁVIA CANUTO, bailarina e professora

“Eu comecei quando tinha 33 anos, já tem 6 que eu faço balé, era um sonho na verdade fazer balé eu sempre fiz alguma atividade física desde pequenininha, eu fui atleta, só que aí por ser atleta muito cedo eu tinha pouco tempo pra fazer outras coisas, então assim eu sempre tive vontade de fazer balé desde pequenininha mas nunca tive tempo né? E assim não teve oportunidade na verdade então quando eu voltei dos estudos, que eu fui fazer pós-graduação fora, quando eu voltei que soube que tinha aulas para adultos e eu também me encantei com a ideia e disse ‘vou voltar. Vou começar agora essa atividade diferente’. E isso aqui é a nossa terapia a gente além de tudo, do balé mesmo, como já foi falado, hoje em dia esquece muito do que tá. Então hoje pra mim o balé é mais que uma atividade física, ele é mesmo uma terapia, às vezes a gente vem até com preguiça doida pra ir pra casa mas aí quando você tem que sair daqui você vê que valeu a pena ter vindo né? Além do que às amizades que a gente faz né? então assim às meninas hoje são amigas né? Elas não são companheiras de sala ou de classe elas são realmente pessoas que se preocupam que tão sempre entrando em contato a gente sempre que tem oportunidade quer estar junto então é uma maravilha isso aqui.”

SONORA COM RAYANNE AMORIM, psicóloga

“A atividade física né, tem todos esses elementos que a gente já conhece, de prevenir doenças, de melhorar o corpo, o humor, o sono, a sensação de fadiga, também a ansiedade e traz também esses elementos ligados ao nosso cérebro. Mas, o nosso cérebro também não está fora da gente e de quem somos. Então eu fico pensando assim nesses outros benefícios, como estar se dedicando a algo, parando a rotina para se concentrar em algo, de um outro cuidado, de olhar para si, fazer atividades em conjunto com o outro e também estar aprendendo algo novo.

SONORA COM LUCI MÔNICA, bailarina e delegada

“Já comecei com 42 anos de idade aqui no Plano B Ballet Adulto. Eu fazia aula inicialmente aos sábados, era uma vez por semana, mas aí eu me apaixonei tanto pelo balé pela aula do plano B que acabou que eu comecei a introduzir outros dias e horários pra aprimorar a técnica e também porque eu vi o quanto balé me ajudava na minha profissão, eu sou delegada de polícia há 18 anos aqui em alagoas. É uma profissão muito estressante... e eu consegui ver o

quanto o balé me ajudava na minha vida pessoal na questão física, na questão emocional, na alma e como essas aulas fazem bem pra mim então hoje eu faço balé três vezes por semana. a memória melhora, a concentração melhora, a questão da disciplina também ajuda muito. Enfim existe uma série de coisas que o balé traz na questão não só física obviamente, porque é um exercício físico, mas do desestressar...Quando começa a música que a gente fecha os olhos parece que está em outra dimensão a gente esquece o nome, esquece onde está, esquece às vezes até o exercício! Mas a verdade é que a gente entra em outra dimensão quando tá fazendo aula de balé, ele nos transporta pra um outro universo e é isso que me encantou mais além do desafio que é aprender balé clássico e é uma honra a gente ter no estado de Alagoas uma escola voltada para bailarina adultas como eu pessoas que acharam que com 42 anos podiam ser bailarinas e sou!”

VOLTA RAYANNE, PSICÓLOGA

“A dança ela, em conjunto com a dança temos a música, o ritmo, o movimento, também temos os professores e professoras da dança, os colegas, às vezes tem também um público. E tem ali todo um percurso de se arriscar, de errar, de conseguir, de se superar. Imagina-se que uma pessoa que procura o balé adulto é porque já tinha uma história de si, de olhar para aquilo, de se imaginar, de se ver e também é uma dança elegante, é também uma dança até assim geométrica, tem uma matemática, Então, imagino que seja é, claro que cada um vai ser de um jeito diferente, vai ter uma história diferente né. Mas é conquistar aquilo que tanto se fantasiou, tanto se imaginou, e meio que desmistificar isso como algo impossível, trazer para perto. E também no decorrer do caminho assim, vendo que é uma questão de treinar, treinar e treinar e de se envolver também. Então imagino que seja muito por essa via também.”

volta LUCIANA DÂMASO

“As maiores queixas das pessoas que chegam aqui talvez sejam aquelas que elas nem percebem que acontecem o que faz chegar aqui é ‘tô enjoada com tudo que eu faço’, ‘o pilates é muito devagar’, ‘eu odeio a musculação’ ou ‘eu não tenho contato nenhum com esporte porque eu odeio atividade física e aí eu quero fazer o danado de um balé clássico porque eu acho que é uma coisa relaxante, porque eu vou respirar e relaxar’, enfim...Então a queixa principal é essa. Sem contar que o balé clássico é uma coisa que encanta porque, a gente bailarino, nós bailarinos somos treinados a encantar. A diferença do danado do balé clássico pra qualquer outra dança é que ela deixa de ser uma atividade física, um exercício físico

somente pra ser arte. E é aí onde entra o personagem, é aí onde entra aquele treinamento que é feito pra não deixar transparecer tamanho esforço que é feito quando a gente dança balé clássico né? Então essa coisa de ser flutuante no palco traz as pessoas pra cá mas traz com uma imagem errônea”

volta CAROL LANCELOTTI

“Então, se você não gosta, o balé é uma coisa que você ama ou o odeia sabe, se você não se identifica com aquilo, dificilmente você vai continuar. E aí, no máximo você pode, e não tem nada de errado disso, você pode se transformar numa pessoa que quer apenas os benefícios do da dança clássica para o corpo, e aí surge o balé fitness, o balé funcional e, mas é muito importante a gente diferenciar isso. Não tem nada de errado em existir balé fitness, não tem nada de errado em existir balé funcional. Tem muitas bailarinas profissionais, inclusive, que criam métodos misturados com pilates ou misturados com malhação, para você tonificar seu corpo de uma forma que uma bailarina faria, isso não tem nada de errado, mas isso não é balé clássico. Porque algumas adultas entram achando que, elas podem fazer balé da forma como elas querem porque elas são adultas, e não, não importa se você entra com 5 anos ou com 50 anos, o balé vai ser o mesmo, vai exigir o mesmo de você, de questões de disciplina, questão né da sua relação com a dança. Então, se você não curte e vai fazer um balé fitness você já não quer muito fazer balé, entendeu? Você quer fazer outra coisa, tudo bem, não tem nada de errado, mas você não quer fazer balé, porque o balé mesmo é o balé clássico.”

SONORA COM RAQUEL FERREIRA, ESTUDANTE

“Eu fiz balé quando tinha em torno de 8 ou 9 anos e parei de fazer entre 13 e 14. Parei de fazer por questões pessoais, questões de rotina, mas assim eu sempre senti durante o decorrer da minha vida, por mais que eu estivesse estudando no ensino médio depois agora na faculdade, sempre senti que faltava algo sabe? Faltava algo na dança e na arte. Eu gosto muito de escrever de cantar, e eu fazia essas coisas, mas o balé era algo que faltava que eu lembrava dos passos lembrava dos passos, eu lembrava de como eu me sentia nas aulas, e faltava isso. Eu acredito que o balé vai muito mais além do que passos do que aulas sabe? é algo que quando a gente se dedica, a gente se compromete ele também te compromete com a gente a gente cria um amor, ele desperta assim algo na nossa alma que vai além de aulas e de técnicas, então é isso que eu espero que todo mundo reconheça isso no balé a importância que

ele tem principalmente para as pessoas que estão aqui o público que vai desde às crianças até jovens e adultos. “

VOLTA CAROL LANCELOTTI

“Eu iniciei e logo no dia seguinte que eu comecei eu decidi criar um blog, porque eu sempre fui comunicativa né, é a minha profissão e aí eu sempre gostei de me comunicar na internet né, eu sou também dessa geração da primeira geração que teve internet assim né em casa. Então, a internet me proporcionou que eu encontrasse outras pessoas também que estavam iniciando nessa jornada do balé adulto. Então eu criei um blog chamado “Meia Ponta” é, e ele dura até hoje. Eu posso dizer que a minha relação com as pessoas no “Meia ponta” é um dos pontos chave assim, para eu continuar fazendo o que eu faço, porque eu recebo tanta mensagem boa sabe, tanta mensagem que me faz chorar literalmente, de pessoas que falam que começaram o balé por minha causa sabe, que viram e daí a importância da identificação né, de você tá falando de, de balé adulto na internet, falando que todos os corpos podem dançar. Então eu recebo muitas mensagens de meninas de todas as idades, me agradecendo é, meninas mulheres né me agradecendo por eu ter influenciado de forma positiva elas comecem o balé. Eu recebo muitas mensagens relacionadas a autoestima e a corpo, porque eu, eu tenho um metro e cinquenta, eu tenho muito peito, tenho coxa, tenho bunda, eu sou aquela brasileira bem assim troncudinha mesmo e eu não tenho nada de longilínea, eu não sou o corpo do balé clássico como ele é representado hoje nas companhias né. Então as as, as meninas e bailarinas adultas elas gostam muito do que eu posto porque elas conseguem enxergar uma bailarina com as linhas legais, com a técnica bem feita, num corpo que não é o corpo padrão”.

VOLTA CAROL LANCELOTTI + trilha [The Nutcracker, pas de deux – Tchaikovsky]

“Para você se sentir bailarina, principalmente sendo adulta, você tem que se enxergar bailarina. E o balé clássico é uma modalidade cheia de, de coisas minuciosas sabe, ele é cheio de regras, e não são à toa, essas regras não existem à toa. Sem essas regras, sem essa base, sem o uniforme como ele tem que ser, sem a amarração da sapatilha como ela tem que ser, o balé não funciona em muitos pontos, o balé precisa de cada uma dessas coisinhas, ele precisa dessa disciplina para ele funcionar. Então se você ama o balé e quer começar o balé adulto, você precisa estar preparada para entrar nesse mundo, no mundo da disciplina, no mundo das linhas, no mundo né do clássico, porque ele é muito específico. E o balé clássico ele tem sempre um lado, como tudo na vida, um lado ruim e um lado bom. Ele tem um lado elitista

que a gente está tentando quebrar né, as bailarinas adultas principalmente é e também as bailarinas que falam das questões raciais, ele tem um lado de que ele não é fácil né, que ele é caro muitas vezes. Mas ele também tem um lado, que quando você olha para aquele lado de senso de comunidade quando você está dançando com outras meninas, e justamente dessa comunidade do balé adulto abraçar tão bem as pessoas, e de você estar dançando e aprendendo uma técnica assim de anos e anos de história sabe, ele tem um lado muito especial que alimenta a alma. Tudo depende de como a gente decide encarar e entrar naquele mundo, então se você quer experimentar, experimente, faça uma aula porque é muito prazeroso assim quando você se encontra dentro de uma arte como o balé.”

VOLTA LUCIANA DÂMASO

“Eu sou bailarina... e olha só eu costumo até falar isso para as meninas, eu vejo dessa forma, talvez as outras pessoas não enxergam assim mas é uma forma que me faz andar pra frente né? Pra mim só tem um caminho, um sentido nessa vida que é en avant né? Que é na frente, que é pra frente. E aí o que acontece se a gente for pensar direitinho - você que já fez balé também e sabe do que eu tô falando - o balé clássico é a metáfora da vida a bailarina é a vida da gente. A bailarina tá lá com bolhinha no pé, com aquela sapatilha de ponta muitas vezes machucando enquanto ela tá em pleno ofício, enquanto ela tá exercendo sua profissão ela tá sorrindo né?

[Trilha Manon, pas de deux”, Ato 1, cena 2 - Jules Massenet]

Então a vida é isso aí não é mar de rosas, o tempo inteiro e a postura que a gente tem que ter diante dela é exatamente essa: já que eu tenho que enfrentar eu vou enfrentar com um sorriso no rosto, com o peito aberto”

[Créditos de encerramento]

DIREÇÃO E ROTEIRO: ISABELLA PADILHA

ORIENTAÇÃO: LUIZ ALBERTO FONSECA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CURSO DE JORNALISMO

APÊNDICE B – Glossário de termos do balé clássico

No balé, a maior parte dos termos técnicos são mencionados em francês. Abaixo, seguem alguns termos mencionados durante o filme e neste relatório, na ordem de aparição.

- **En Avant** – Posição do balé clássico que significa “em frente”;
- **Pas de deux** - Um termo do balé clássico que significa “Passo de dois”. É um dueto entre dois dançarinos onde eles executam a coreografia em conjunto.
- **En dehors** – É uma expressão francesa que significa "para fora". No balé, essa expressão significa uma rotação externa do fêmur, onde a maioria dos movimentos da dança é feito;
- **Flex** – O movimento de esticar o pé;
- **Pointe** – A ponta do pé;
- **Demi-plié** - Joelhos meio dobrados;